**A UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA: PRÁTICAS DOCENTES ENTRE MALÉVOLAS E MADRASTAS**

Renata Brito Costa

Discente do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Mídias na Educação – UERN. [hinatabrito@hotmail.com](mailto:hinatabrito@hotmail.com)

**Resumo:** Os contos de fadas são histórias presentes na vida das crianças desde a sua mais tenra idade e podem contribuir para o desenvolvimento dos alunos desde a Educação Infantil. Partindo deste entendimento, este artigo tem como objetivo investigar as práticas docentes numa turma de pré-II, numa escola municipal de Umarizal-RN, a fim de analisar como se trabalham os contos de fadas em sala de aula e se contribuem para a formação pessoal da criança. Com teorias baseadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), em Azevedo (1999), em Coelho (2005) e outros autores. Para a realização da pesquisa, foram observados 4 (quatro) dias de aulas, na escola mencionada, com registros que tornaram-se um diário de campo. Fazendo uso de uma abordagem qualitativa, procedida indutivamente e à luz das formulações teóricas das discussões empreendidas, na qual a investigação tem algumas considerações importantes sobre nossos resultados. A análise das práticas das professoras observadas evidencia que o uso dos contos de fadas, durante o tempo de observação, é situado em momentos que não despertam interesses nos alunos, consolidando-os com sugestões de atividades em dois tipos: as que não exploram o texto e incitam apenas o óbvio e as que são completamente desconexas com a leitura realizada. Entende-se que o formato das aulas não traz contribuições para a formação da criança em sua personalidade, conduta, compreensão e produção de conhecimento, que são alguns dos aspectos em que se constituem possibilidades com a leitura dos contos.

**Palavras-chave:** Contos de Fadas; Formação Pessoal; Educação Infantil.

**INTRODUÇÃO**

Em *A Psicanálise dos contos de fadas*, Bettelheim (1978) mostra que os contos de fadas são singulares, são além de uma forma literária, mas uma obra de arte integralmente compreensível para a criança, algo que qualquer outra obra não o pode ser. O autor afirma que o significado mais interno, mais profundo, será diferente para cada indivíduo a também diferente para a própria pessoa, conforme os anos vão passando.

Segundo Kupstas (1993), a contação de histórias no ambiente escolar ocorre há muitos anos e isso ajuda a perceber que vários professores ainda não tiveram conhecimento do quanto essas histórias podem ajudá-los em sua missão como educadores. É com base nesta ideia que a esfera desta pesquisa permeia a contribuição de contos de fadas para o processo de formação da criança durante a Educação Infantil.

Partindo deste ponto, podemos fazer os seguintes questionamentos: Será que, nas escolas, os professores realizam esse momento de contação de histórias de uma forma que influencia a criança na construção do seu conhecimento e, por conseguinte, no seu processo de desenvolvimento como pessoa? O modo como a escola e os professores trabalham, na Educação infantil, proporcionam interação e oportunidades de criação e imaginação a partir dos contos de fadas?

Deste modo, intentamos discutir teorias que versem sobre as contribuições da literatura, especificamente dos contos de fadas, para o início da formação pessoal da criança; observar e analisar práticas de professoras numa turma de pré-II de uma escola municipal na cidade de Umarizal/RN; compreender se o trabalho com os conto de fadas, na turma observada, contribuem para educar e formar na Educação Infantil, considerando esta fase como base para a formação cidadã do aluno.

Por isso, entendemos a importância de trabalhar com contos de fadas através da contação de histórias, tanto para estimular a educação de um possível leitor, como para despertar questões de personalidade, de senso crítico, aguçar a construção de sentidos e, logo, contribuir para o começo de um processo de desenvolvimento pessoal.

O que levou à escolha deste tema é o contato, desde criança, com o ouvir histórias e o gosto pela leitura. Nossa relação com livros, dos mais variados gêneros, tanto na escola como em casa, constituiu-se um costume que, reconhecemos, contribuiu muito para o nosso processo de aprendizado e, obviamente, desenvolvimento. A presença da leitura com ou sem o acompanhamento dos pais, leva-nos hoje a compreender que não foram momentos apenas de distração ou entretenimento, mas um auxílio ao desenvolvimento de habilidades, e ao transporte a outros mundos nos quais a criatividade era usada quando e como quiséssemos.

Para a concretização desse artigo, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, que, conforme Oliveira (2002, p. 117), entre outras coisas, apresenta interpretações, em maior ou menor grau de profundidade, de peculiaridades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Quanto aos procedimentos, o trabalho faz uso de uma pesquisa de campo, pois as observações de sala de aula a constituem desta maneira, fazendo uso do método indutivo. Com relação aos objetivos, nossa pesquisa se caracteriza como descritiva e interpretativa, uma vez que as aulas precisarão ser detalhadas para que possamos investigar se as práticas docentes fazem uso dos contos de fadas de modo que contribua para a educação/formação da criança. Nestas descrições, as análises procedem como forma de explicar ou compreender a maneira como o texto é abordado nas aulas e até que ponto isso influencia o aluno.

Para os fundamentos teóricos dessa pesquisa, pautamo-nos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e em Azevedo (1999), ao tratarmos sobre a prática da leitura; em Coelho (1991) sobre as modificações, ao longo dos séculos, dos contos de fadas; em Bettelheim (1978) e Coelho (2003) a respeito da contribuição dos contos de fadas para a formação da criança, além de outras referências que discutem sobre os assuntos aqui abordados.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por um diário de campo para registro das observações feitas em uma turma de pré-II, em uma escola municipal de Umarizal-RN, cuja ministração das aulas são feitas por duas professoras sem nível superior. Além das aulas observadas, num total de 4 (quatro) dias, e dos registros feitos, foram coletadas cópias das atividades aplicadas nessas aulas, não apenas como registro, mas porque convém à nossa análise ver se as atividades contemplam algumas possibilidades de trabalho que os contos de fadas oferecem.

**CONTOS DE FADAS E FORMAÇÃO DA CRIANÇA: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES**

**A literatura e formação pessoal: reflexos da (ou na) escola**

Muitas são as discussões que têm surgido em torno das contribuições da leitura e da literatura para a formação humana dos sujeitos, uma vez que já é admitido que o contato com o texto traz vários efeitos sobre um leitor. Entretanto, sabemos que a escola é o principal ambiente em que este contato acontece, pois há quem não tenha nenhum contato com leituras em casa.

Um dos principais objetivos do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI – é que, com o trabalho que tem como objetivo envolver a leitura, a criança acaba tendo a possibilidade de: participar das mais variadas situações envolvendo a comunicação oral; interessar-se pela leitura de histórias nos mais variados estilos; familiarizar-se com a escrita por meios de livros, revistas, histórias em quadrinhos, etc. Dessa maneira, é necessário ofertar, ainda na infância, oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa. É nesse ponto que a literatura desempenha um importante papel, o de favorecer aprendizagens, compreensão de valores, confronto com diferentes ideias, culturas, crenças, opiniões e informações diversas (CANDIDO, 1972).

A tarefa de formar alunos leitores necessita de professores que estejam envolvidos com a literatura desde o início. A literatura infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utilizará da imaginação provocada pela curiosidade, ampliando o conhecimento do mundo, viajando na imaginação e fantasia e conhecendo outras realidades que se confrontam com a sua.

É nesse sentido que Candido (1972) afirma o caráter humanizador da literatura e fala sobre a importância da leitura literária na formação do homem, pois a interação do leitor com o texto pode contribuir de modo diverso para o desenvolvimento de ideias, para repensar questões, para conhecer, reconhecer e muitas outras possibilidades que a leitura pode ofertar.

É na escola que podemos identificar o crescimento do público leitor; porém, é também ela que nos mostra muitas crianças que não têm acesso, uma quantidade enorme de professores que não têm tanto domínio com a prática de contar histórias, da carência de bibliotecas escolares, o quanto ainda estamos distantes de uma situação satisfatória. Enfatiza Azevedo (1999):

Se a escola, no Brasil, tem sido praticamente o único espaço mediador da leitura e da formação de leitores, convém discutir seriamente como ela vem tratando os livros de literatura infantil. Infelizmente, não poucas vezes como sabemos, são utilizados como simulacros os livros didáticos. É preciso ser claro: didatizar, utilizar textos literários com fins meramente utilitários (ensinar a Língua, ilustrar temas científicos, etc.) significa reduzir e descaracterizar a literatura, que assim perde sua essência e deixa de fazer sentido. (AZEVEDO, 1999, p. 7)

O uso do texto na escola não tem privilegiado todo o espaço que deve ocupar, tendo em vista que a didatização da literatura a limita e não a permite cumprir seu papel humanizador. Isso significa dizer que a escolarização do texto pode executar o papel exatamente inverso do que a literatura possibilita.

Uma das formas mais famosas de se iniciar a vida de um leitor é a contação de histórias e, dentro destas, o uso dos contos de fadas. Atemporais e lúdicos, os contos de fadas constituem sempre as primeiras histórias ouvidas pela maioria das pessoas em todo o mundo.

**A literatura dos contos de fadas**

Coelho (1991) explica que não há dúvidas de que as fadas sejam de origem celta, devido a mais antiga citação referente a elas, dita por Pomponius Mela (Geógrafo que viveu no século I), o qual afirmou que, na ilha do Sena, nove virgens dotadas de poder sobrenatural, meio profetisas, viviam sobre o vento e sobre o Atlântico, assumiam diversas encarnações, curavam enfermos e protegiam navegantes. Sendo assim, acrescenta a estudiosa, facilmente se comprova que as primeiras referências às fadas, como personagens ou figuras reais, aparecem na literatura denominada cortesã-cavaleiresca, surgida na Idade Média, na Bretanha e nas novelas de cavalaria do ciclo arturiano, ambos de origem cético-bretã. Através das fadas foi concedido à mulher um poder que, entre os demais povos, ela estava longe de ter.

Coelho (2003), em seu livro *O Conto de Fadas*, mostra alguns autores como Charles Perrault, Jean de La Fontaine e os irmãos Grimm, que deram suas contribuições de forma bastante significativa para a recriação dos contos de fadas como literatura infantil. Perrault (1628-1703) foi um dos mais importantes escritores de contos de fadas e fábulas porque não só recolheu as narrativas e as escreveu, como também teve a preocupação de apresentá-las como literatura para crianças. Citando os mais conhecidos, temos: “Os contos da mãe ganso”, “O pequeno polegar”, “A bela adormecida”, “O gato de botas”, “A gata Borralheira”, “O barba azul”, “A bela adormecida no bosque”. Jean de La Fontaine, de acordo com Coelho (1991), surgiu na mesma época de Perrault. Dedicou-se ao resgate de antigas historietas moralistas, de cunho popular, as fábulas, tal como apólogo e a parábola, que visam dar lição aos homens. Seus personagens são animais falantes que se comportam como humanos. Nas fábulas, as situações narradas denunciam sempre erros de comportamento, que resultam na exploração do homem pelo homem. Algumas de suas obras são: “O lobo e o Cordeiro”, “O Leão e o Rato”, “A Cigarra e a Formiga”, “A Raposa e as Uvas”, entre outros. Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, de acordo com Coelho (2005), eram folcloristas alemães, filólogos, estudiosos da mitologia local e catalogaram dezenas de histórias narradas por cidadãos, boa parte delas também utilizada como leitura para crianças. Eles percorreram a Alemanha registrando as narrativas populares que recolhiam de pessoas humildes, na maioria das vezes analfabetas: camponeses, pastores de ovelhas, barqueiros, músicos, e cantores, ambulantes. Tudo isso nos primeiros anos do século XIX. Eles se empenharam na elaboração de uma obra patriótica, não apenas recuperando e imortalizando os relatos conhecidos por todos nós como contos de fadas, como também iniciando o *Grande Dicionário Alemão*, cujo primeiro volume saiu em 1854.

Os contos de fadas são histórias bastante atuais, porque todas elas são alimentadas de sabedoria prática que não envelhece, fundamentada na natureza humana, nos sentimentos, medos, angústias, esperanças, alegrias e esses aspectos continuam rodeando e mesmo habitando o ser humano, independente do século.

**Os contos de fadas e a criança**

Diante de tantos aspectos referentes à contribuição da contação de histórias, podemos identificar vários que são abordados nos contos de fadas e é possível observar que existem diversas funções, como proporcionar um momento lúdico, movido de imaginação, possibilitar um mergulho na ficção, estabelecer relações com a realidade, perceber manifestações culturais.

Coelho (2005) afirma que através dos contos de fadas é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-las, e isso é importante para a formação de qualquer ser humano, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o querer ouvir de novo, apontando para o começo de uma formação leitora, já que “O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes [...]” (BRASIL, 1997, p. 40).

O fato de a criança gostar de ouvir histórias é muito importante porque ela constrói dentro de si muitas ideias através de descobertas, de outros lugares, outras épocas, outros modos de vida, costumes e culturas, além de terem a curiosidade respondida, ou mesmo o contrário, questionada, esclarecendo melhor suas próprias dificuldades ou encontrando um caminho para resolvê-las. Os contos de fadas falam de abandonos, de esquecimentos, de quem um dia foi significativo, marcante, falam também de crescimento, de buscas. Eles não falam só de amor, mas também de muitas situações que se vive na realidade e isso incentiva a uma reflexão sobre os desafios que hão de ser enfrentados. Por isso, é muito importante que as crianças saibam que os contos de fadas falam do imaginário, entretanto também tratam de coisas reais.

Através dos contos de fadas, a criança se confronta com muitas características fundamentais no ser humano, isso acontece pelo fato de, nos contos, existirem um dilema existencial tratado de maneira breve e decisiva, permitindo a criança compreender sua essência. Os personagens dos contos são ambivalentes, como o ser humano é na vida real e essa ambivalência que domina os contos de fadas também está presente nas ideias da criança, mesmo que de forma inconsciente. (BETTELHEIM, 1978).

Isso nos faz refletir sobre a relação social que a criança mantém fora da escola, principalmente em casa, onde os pais devem incentivar o gosto de ouvir e contar histórias. São através de atitudes simples que os pais podem proporcionar momentos de lazer e de desenvolvimento, auxiliados pelo uso do texto, dos contos e da contação de histórias, assim as crianças podem aprender desde cedo a lidar melhor com seus conflitos.

Para Bettelheim (1978), a agressividade e a desarmonia entre irmãos, mães e pais são vivenciados na fantasia dos contos: o medo da rejeição é trabalhado em “João e Maria”, a rivalidade entre irmãos em “Cinderela”, a separação entre as crianças e os pais em “Rapunzel” e “O Patinho Feio”. Estas são situações cotidianas contemporâneas, embora os contos sejam tão antigos. Sua atemporalidade, característica deste gênero, aponta para uma leitura/contação que possibilita um confronto com a realidade do leitor/ouvinte. É nesse sentido que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O comportamento de personagens, a tomada de decisão, os problemas enfrentados e a necessidade de ajuda para a solução de problemas facilita à criança a compreensão de certos valores básicos do convívio social, como o desafio de aprender a viver com as diferenças ou a consciência da necessidade de apoio do próximo.

Com estas considerações, é possível entender que a leitura dos contos de fadas tem muito a oferecer à criança e pode influenciar de diversas maneiras a sua formação pessoal. Como a escola, durante a Educação Infantil, é a mediadora oficial dos processos de leitura na vida do aluno e o uso dos contos de fadas é um fato em praticamente toda esta fase, é necessário que investiguemos este espaço a fim de verificarmos como os contos têm sido trabalhados e se este trabalho contribui para a formação pessoal da criança.

**OS CONTOS DE FADAS NA SALA DE AULA: ENTRE PRÁTICAS DOCENTES E (NÃO) CONTRIBUIÇÕES DE LEITURAS**

A coleta de dados da pesquisa iniciou no dia 29/03/2016 e se estendeu até 19/04/2016, em uma escola municipal, que aqui chamaremos “Casa de doces”, localizada na cidade de Umarizal/RN, numa turma de pré-II, composta por 16 (dezesseis) crianças de 5 (cinco) anos e 2 (duas) professoras. A estas demos o nome fictício, neste trabalho, de Malévola e Madrasta, para preservar suas identidades. São jovens, com idade aparente de vinte e cinco anos e sem formação acadêmica, apenas com o Ensino Médio completo. O período de observação foi longo, durante várias semanas, devido ao fato de nem todos os dias as professoras ministrarem aula com a contação de histórias. Para compreendermos os possíveis efeitos da aula com o uso do texto, concentramo-nos em 4 (quatro) crianças, a fim de conseguirmos descrever melhor as implicações da aula, através de seus comportamentos diante dos contos levados e trabalhados.

**Aula 01: Descrição e considerações**

A primeira aula foi observada no dia 29/03/2016. Teve o seu início às 07:00h e término às 10:30 h. Logo após o momento de acolhida e das músicas de “bom dia”, as professoras passaram para o momento da hora da história. Convidaram todas as 12 (doze) crianças presentes para se sentarem ao chão e formarem um círculo. Duas das crianças em quem nos focamos, João e Maria, se recusaram a ir. Uma das professoras perguntou o motivo, na qual João disse que não queria e Maria apenas ficou calada.

Então foi iniciado o momento da história, “Chapeuzinho Vermelho”. O conto era lido e não havia interação com as crianças ou mesmo perguntas direcionadas a elas. Apenas quando havia gravuras a professora responsável pela narração parava e mostrava para os alunos.

Passado o momento da lida do conto, ainda com as crianças sentadas, as professoras perguntaram o que foi que mais gostaram. Respostas como “o caçador salvando a vovó” foram as mais ouvidas. No mesmo instante pensamos que perguntas mais simples até mais profundas poderiam ter sido proferidas, a fim de que as crianças não somente participassem, mas trouxessem sua compreensão para a aula. Aspectos como estes foram despercebidos pelas professoras, ignorando a perspectiva de interação que o texto literário promove.

Isso se confirma no momento seguinte, quando as docentes passam para o que elas denominam “momento de interação” com atividade impressa. No momento em que começou a aplicação da atividade, que naquele dia foi uma relação entre os personagens e seus objetos, percebemos que não contempla tudo que a história poderia oferecer num momento de contação aos alunos. A atividade não é sobre “Chapeuzinho Vermelho”, mas sobre vários personagens de histórias infantis a que as professoras não fizeram referência durante a aula.

Esta aula e estas atividades desarticuladas não contribuem para a almejada formação de um cidadão. As crianças poderiam ter crescido em interpretação e expressão, questionando comportamento de personagens, a partir de interação e discussões que as professoras poderiam incitar. Contudo, a falta de nexo e mecanização tomou conta da aula e resultou numa não produção de conhecimento.

**Aula 02: Descrição e considerações**

A segunda aula observada ocorreu no dia 05/04/2016, no mesmo horário da aula anterior, teve o seu início às 07:00 h e término às 10:30 h, com a presença de 14 (quatorze) crianças.

A história contada naquele dia foi “Os Três Porquinhos”. Igualmente a aula anterior, foi apenas lida e quando tinha imagens eram mostradas às crianças. Com o término, foi passada a atividade, que também não tinha conexão alguma com o conto, pois foi trabalhado o número “2”.

A atividade impressa, objetivando trabalhar o número 2, depois da contação de história, beira o absurdo das contradições. Que relações a criança pode estabelecer com a história? Como ela pode se expressar sobre o que sabe? Como ampliar o universo de conhecimento que ela está começando a construir? Como promover interação e discussão? Poderia ser feita uma atividade sobre moradias, quais casas eles já tinham visto, como era a casa deles, se era grande, pequena, quantos moravam. Também poderiam falar sobre a importância de fazer um trabalho bem feito, ter paciência, as consequências da preguiça (como o caso dos dois porquinhos que fizeram suas casas rapidamente e o quanto isso foi desastroso) ou simplesmente instigar um diálogo nos alunos, uma interação em que se expressassem e exibissem suas compreensões a partir do conto.

**Aula 03: Descrição e considerações**

A terceira aula foi observada no dia 12/04/2016, com o mesmo horário de início e fim das e também com a acolhida e músicas de início de aula de sempre, tendo 11 (onze) crianças presentes.

O momento da história foi com “Branca de Neve”, com aquele mesmo esquema de sentarem-se em círculo. Das 11 (onze) crianças, nove foram para o círculo, menos João e Maria, repetindo o mesmo comportamento das aulas passadas. Uma das professoras perguntou se elas já conheciam a história e, quando todas falaram que sim, ela começou a ler, sendo interrompida por um aluno que fez um “perigoso” comentário: “Eu sei a história, não tem pra que ler” (Alice).

Em seguida, foi aplicada uma atividade de pintura, com a imagem da Branca de Neve, colorida por várias crianças com muita pressa. Em um determinado momento, as crianças comentavam que cor deveria ser o vestido, porque tinham visto no livro usado pela professora que o vestido era amarelo e, por isso,não deveria ser de outra cor. As professoras interferiram dizendo que elas estavam livres para escolher a cor que achassem melhor.

A falta de interesse das crianças em ouvir histórias nesta sala de aula foi mais que evidenciada neste dia, uma vez que uma delas disse não ser necessária a leitura. Resistindo à ideia de que os alunos já tinham conhecimento do conto, as docentes, mais uma vez, ignoraram a atitude da criança e realizaram a leitura em voz alta de todas as aulas com contação de história. A repetição do estilo de aula parece repelir os alunos, tendo em vista que não demonstram nenhum tipo de atração por este momento e, no decorrer das observações, tal qual vem sendo descrito aqui, percebemos que as ministrantes não fazem nada para mudar essa reação negativa das crianças ao momento de contação.

As atividades impressas também são repetidamente desconexas, não estabelecendo nenhum tipo de ligação com o conto e, por conseguinte, não proporcionando aos alunos os momentos de interação e crescimento pessoal. Ao término de uma história, por exemplo, é necessário um diálogo mais aprofundado entre as professoras e os alunos. Perguntar somente se gostaram ou de que gostaram não os ajudará a ver que a conduta de determinado personagem foi a causa para que tal cena se sucedesse e que não devemos reproduzi-la.

**Aula 04: Descrição e considerações**

A última aula observada aconteceu no dia 19/04/2016, com os mesmos horários, com acolhida e as músicas habituais e 15 (quinze) crianças em sala.

A aula teve o começo marcado pelo mesmo momento de sentarem-se em círculo para ouvirem a história, desta vez, a “Cinderela”, sempre com João e Maria se recusando a interagir com as outras, como já citadas anteriormente. Como nos dias anteriores, a história foi apenas lida e com as imagens mostradas aos alunos em determinados momentos.

Ao fim da história, as professoras iniciaram um breve diálogo sobre o que mais os alunos gostaram da história, obtendo respostas do tipo: “quando a fada transformou os ratos e a abóbora”, “o príncipe fica com a Cinderela”, “a Cinderela fica mais bonita que as irmãs”. Como pode ser notado, são respostas curtas e que não teve uma exploração, também ocorrendo o fato das crianças não sentirem-se interessadas em responder, sempre comentando frases pequenas.

Foi passada uma atividade a respeito da letra “c”. Desta vez, as professoras contextualizaram a atividade com o texto, explicando que o mesmo “c” que escrevia a palavra Cinderela escrevia outras que estavam no corpo atividade. A atividade, cujo conteúdo explorava a letra “c”, lembra o uso do texto como pretexto para o trabalho com a gramática. O objetivo de utilização do texto foi a letra “c”? Não que seja estritamente um erro, mas essa atividade poderia ter vindo depois de outras, orais ou escritas, as quais explorassem o conto e suas diversas possibilidades de interação.

As aulas observadas mostraram-se muito invariáveis e circulares, não havendo dinamismo, interação, objetivo, sempre seguindo o mesmo roteiro. Daí nós vemos a relevância de um curso de formação específica para o desenvolvimento de um trabalho fundamentado e contribuidor, que auxilie verdadeiramente à formação de alunos leitores, cidadãos participativos da sociedade em que se organiza.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os contos de fadas são textos que além de encantar e estabelecer uma atmosfera de ludicidade podem ser utilizados em diversas práticas. Em sala de aula, especialmente na Educação Infantil, eles constituem as principais leituras realizadas e se constituem como instrumentos que têm possibilidade de auxiliar a formação pessoal de quem escuta/lê a história.

Na análise do diário de campo que construímos através das 4 (quatro) aulas observadas, chegamos à tristes constatações perante a especificidade do trabalho com os contos de fadas na turma de pré-II. As aulas ministradas e as atividades propostas pelas 2 (duas) professoras não tratavam o momento da história como um universo de encantamento, como momento de interação e produção de conhecimento. O formato das aulas, desenhado de monotonia e repetição, assegurava momentos de contação de história desinteressantes e não produtivos, calados e circulares, como se não houvesse progresso de uma aula para outra. Com a pesquisa, compreendemos que a contação de histórias não é somente a abertura de um livro e a leitura de várias palavras, ou o fato de mostrar gravuras às crianças, mas o objetivo é o despertar para a curiosidade, o estímulo à imaginação, o desenvolvimento de seu intelecto e habilidades, porque enquanto a criança se sente entretida e se diverte, os contos de fadas estão favorecendo o seu desenvolvimento. Os contos proporcionam a oportunidade da criança utilizar o seu inconsciente, condição básica e primordial para o profundo conhecimento e significado da vida.

Destarte, esta pesquisa não se encerra aqui. Compreendemos que ela dá margem para outras pesquisas nesta área, para as quais esperamos ter contribuído, despertando reflexões sobre essa temática, que parece já ser repetitiva, mas que resultados como os encontrados apontam para a necessidade de continuarmos estudando sobre isso e para a urgência de bons profissionais, leitores e formadores de leitores e cidadãos.

**REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos Instigantes da Literatura Infantil e Juvenil.** Belo Horizonte, Editora Dimensão, 1999. Disponível em: [www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br) acessado dia 10/03/2016.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, 1997.

CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**, 24(9), 1972, p.803-9.

COELHO, Betty. **Contar Histórias Uma Arte sem Idade.** São Paulo, Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil Teoria Análise Didática.** 7ª edição. São Paulo, Moderna, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_\_, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas – Símbolos Mitos Arquétipos.** São Paulo, DCL, 2003.

KUPSTAS, Márcia. et al. **Sete Faces dos Contos de Fadas.** São Paulo, Moderna, 1993. (Coleção Veredas).

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de Metodologia Científica:** projetos de pesquisas, TGL, TCC, monografias, dissertações e teses; revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

